

Porque está a Jerónimo Martins a cair na bolsa?

Acções da retalhista
caíram 26% este ano.

MERCADOS 23



BOLSA

Jerónimo Martins renova mínimos e já cai 26% em 2018

As acções da retalhista têm reforçado as quedas e os mínimos de mais de dois anos. O abrandamento da economia na Europa e a concorrência são alguns dos factores a penalizar.

A Jerónimo Martins já viu melhores dias em bolsa. A retalhista tem vindo a renovar mínimos de mais de dois anos e os factores de pressão mantêm-se. A actividade na Polónia e a evolução dos resultados vão ser determinantes para a evolução dos títulos.

A retalhista liderada por Pedro Soares dos Santos é a empresa que mais cai na bolsa lisboeta, com uma desvalorização de 26% e as acções a renovarem novos mínimos. "A tendência é de queda desde a apresentação de resultados de 2017", nota Pedro Lino, administrador da Dif Broker. A pressão nas acções estão factores que vão desde os resultados do próximo semestre, que se aproximam e podem sofrer com a actividade na Polónia, até à conjuntura económica europeia e o preço do petróleo, notam os analistas consultados pelo Negócios.

As mais recentes recomendações fazem eco das descidas. No dia 2 de Julho, o Jefferies reviu em baixa o preço-alvo desta cotada de 15 euros para os 13,5, um corte de 10%. No mesmo dia, o Haitong baixou a avaliação em um euro para os 16, ainda assim, ambas acima do preço de negociação.

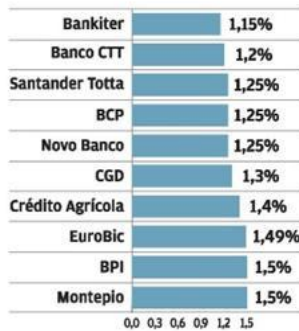
Para Pedro Lino, a postura mais conservadora das casas de investimento reflecte o cepticismo dos analistas na capacidade da retalhista manter a evolução positiva registada até ao momento e classifica estas desvalorizações como "bastante substanciais". "Há a expectativa que os resultados não consigam sustentar a valorização elevada que a Jerónimo Martins nos habituou", explica.

João Queiroz, do Banco Carregosa, reforça: "Existe a percepção de que os próximos resultados não comportarão surpresas positivas".

EMPRESA PERDE UM QUARTO DO VALOR

Desempenho em percentagem

A Jerónimo Martins é a empresa que mais cai em 2018. A companhia desvaloriza mais de 26%.



Fonte: Bloomberg

Por isto mesmo, os números reportados pela cotada no próximo dia 25 de Julho, relativos ao segundo trimestre, serão decisivos no sentimento relativamente ao título.

Os analistas concordam que, aquela que tem sido a escada para a confiança dos investidores – as vendas na Polónia – pode agora conduzi-los no sentido contrário. Para Pedro Lino, a desvalorização da moeda polaca é um motivo de preocupação que se pode reflectir no próximo balanço, uma vez que "a instabilidade da moeda pode transferir-se para a economia". O zloty já desvalorizou 6% em relação ao euro desde o início do ano.

A pressão estará também a crescente concorrência, decorrente da digitalização do sector. Para enfrentar os novos "players", a retalhista tem de apostar em promoções, na localização e outros factores de atracção para os clientes, o que pode reduzir as margens, refere ainda João Queiroz. ■ ABO